



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2031 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 13 - Educação Fundamental

CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIAS: OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Rafaela Marchetti - UFSCAR/PPGEES - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Yasmim Lotti Silva Matheus - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
Célia Maria Rosa - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as concepções de estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais sobre as violências, em uma escola do interior paulista. Por meio de produções audiovisuais realizadas em oficinas de experimentações, buscou-se proporcionar aos discentes maneiras de refletirem sobre as diversas violências de modo criativo, expressando suas opiniões por intermédio de diferentes linguagens, como perspectivas metodológicas. Percebeu-se que as oficinas de experimentações proporcionaram o (re)conhecimento de experiências e vivências em relação às violências: nas produções e técnicas de audiovisuais; nas rodas de conversa que aconteciam antes das produções; e, nas relações do grupo com ações constituídas de forma democrática. Concluiu-se que ao refletir sobre a temática os sujeitos ampliaram o entendimento sobre o assunto e passaram a ter percepções diferentes sobre os espaços escolares. O balanço entre ações violentas praticadas no ambiente escolar e a pouca movimentação de educadores em tomar atitudes para solucionar essas questões, gera nos alunos a certeza de que existem violências *da* escola, principalmente, quando os problemas que estão enfrentando com as violências, não são prioridades.

Palavras-chave: violências; audiovisuais; oficinas de experimentações

CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIAS: OFICINAS DE EXPERIMENTAÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Introdução

O estudo aqui apresentado encontra-se em andamento e tem como objetivo analisar as percepções de estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais sobre as violências, em uma escola do interior de São Paulo. A intenção foi conceituar as perspectivas de violências no mundo, na escola e nas relações interpessoais; e, analisar – nas produções audiovisuais – como as violências ocorrem para esses estudantes.

Sabemos que definir violência envolve variadas expressões e padrões sociais diversos, visto que cada sociedade a estabelece segundo seus critérios de valores, leis, normas, religião, tradição, história e outros fatores. As violências têm ocorrido nos mais diversos espaços da sociedade e possui lugar de destaque e preocupação no cotidiano escolar. Em pesquisas recentes estudiosos (ABRAMOVAY, WAISELFISZ, ANDRADE & RUA, 2004; PINHEIRO & ALMEIDA, 2003) comprovaram o crescente envolvimento de jovens com as violências, ora como vítimas, ora como agressores.

São vários os relacionamentos estabelecidos na escola que acabam sendo definidos como indisciplina, violências e conflitos segundo as relações de poder de dentro do próprio ambiente escolar. Tais conceitos, muitas vezes, descrevem situações que ocorrem entre professor-aluno; aluno-aluno; aluno-funcionários e aluno-equipe gestora de forma não reflexiva. Desta maneira, a escola acaba convertendo-se em produtora de violências, principalmente, quando ocorrem situações violentas que são naturalizadas tornando-se corriqueiras e/ou despercebidas em meio a tantos acontecimentos.

As violências escolares, para Debarbieux (2002), estão associada a três dimensões sócio organizacionais: degradação no ambiente escolar; violência que começa de fora para dentro da escola; e componente interno das instituições, específico de cada uma.

Segundo Abramovay (2005):

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas

representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais (ABRAMOVAY, 2005, p. 53).

Segundo Charlot (2002), as violências escolares podem ser identificadas em três tipos: *violência*, *à* e *da* escola.

Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Violência à escola esta ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência da escola deve ser analisada com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas). (CHARLOT, 2002, p. 434).

As situações de conflitos também fazem parte de relações estabelecidas; segundo Chrispino (2004), é a ausência da mediação de conflitos que acaba gerando as violências em meio escolar. Para o autor, os conflitos não devem ser vistos como anomalias ou algo que atente contra a ordem social, mas como um fenômeno presente e necessário nas democracias, representam a possibilidade de convívio de pessoas com diferentes aspirações, modos de vida, opiniões. O problema ocorre quando os conflitos não são mediados pelo diálogo e se manifestam na forma de violência. Ainda para o Chrispino (2004), a democratização do ensino trouxe à escola perfis diversos de estudantes.

Entende-se que a violência é algo explícito, que pode ser percebido pela vítima, porém, há a ocorrência de outro tipo de violência, muito mais sutil e de difícil absorção no conceito de violência e conseqüentemente, violência escolar, que é a definição de violência simbólica. Odalia (2004) afirma que:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade, ou seja, o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas (ODALIA, 2004, p. 22-23).

Para Abramovay e Rua (2002) a violência simbólica ou institucional pode ser compreendida, como:

A falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência de poder entre professores e alunos. Também é a negação da satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos (ABRAMOVAY & RUA, 2002, p. 69).

O fortalecimento dos veículos midiáticos e a aceleração do fluxo de informações gerou um novo contexto de relações pessoais, de produção material e de conhecimento. Assim, nos coube refletir sobre ligações pedagógicas capazes de tratar as questões das violências sem preconceito, levando em conta o pensar de estudantes e docentes, não como sujeitos vazios, mas, com opiniões próprias embasadas em situações vividas.

Para nos aproximarmos das concepções de estudantes relativas às violências, sejam elas escolares, no mundo ou nas relações interpessoais, utilizamos as oficinas de experimentações e a relação do audiovisual na escola como um "encontro aberto", gerador de possibilidades e de experimentações. Nas oficinas, além de trabalharmos com as questões das violências, tínhamos como produto os audiovisuais (por celular) produzidos pelos estudantes, podendo assim adquirir algum conhecimento novo, seja sobre as violências ou sobre as formas de produção de conteúdo audiovisual.

Metodologia de Pesquisa

Por não nos conhecerem – devido ao estranhamento, medo ou falta de confiança – tínhamos a preocupação de não obtermos as falas dos estudantes participantes, por isso foram propostas oficinas de experimentações com a intenção de criar laços e utilizar os audiovisuais como instrumento de linguagem (de abertura) com esses alunos. Neste sentido, os estudantes ao refletirem sobre as violências podiam pensar em modos criativos que permitissem expressarem suas opiniões por meio de técnicas audiovisuais e diferentes linguagens.

Com base em pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa utilizou-se de oficinas de experimentações com audiovisuais para estabelecer um contato direto com os estudantes, com o intuito de investigar suas visões sobre as violências físicas, simbólicas, verbais, e como elas eram concebidas. Durante os encontros das oficinas os estudantes desenvolveram exercícios práticos (um por encontro) com o objetivo de trabalhar diversos aspectos da linguagem audiovisual, relacionando-os com conhecimentos que estes já tinham, como linguagem televisiva, jornalística, fotográfica; além daquelas mais comuns – principalmente hoje –, como: YouTube e redes sociais.

Acredita-se que este mecanismo de produção de imagens e sons forneça a condição propulsora e material para a associação entre as percepções sobre a escola e a invenção que o sujeito já exerce sobre ela, atentando para seu papel ético e estético na convivência relacional com a comunidade escolar. Os encontros nas oficinas de experimentação foram utilizados como metodologia importante para motivar as falas, reflexões e exposições de valores dos estudantes, sem utilizar coletas de dados mais habituais, como, por exemplo, as entrevistas semiestruturadas ou questionários.

A coleta de dados tornou-se uma experiência interessante porque os alunos puderam produzir, *se(re)conhecer* em suas produções e ter contato direto com suas experiências e vivências em relação às violências, produzindo imagens fotográficas ou cinematográficas, conversando sobre a dinâmica de planejamento para a produção dessas imagens, nas rodas de conversa em que os assuntos sobre a violência foram tratados e por fim pela dinâmica em criar um conteúdo, partilhar e discutir sobre a experiência em ter produzido os exercícios audiovisuais. No processo desta relação podemos

“descobrir a força que existe em criar um ponto de vista sobre o mundo ou um lugar para ouvir o que nunca antes havíamos parado para escutar” (MIGLIORIN, 2014, p. 11).

Os estudantes participantes estavam no 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Ensino Integral do interior paulista. Antes da produção de vídeos e imagens os alunos foram convidados a debater e conversar sobre experiências, opiniões e vivências a respeito da temática das violências, tais conversas duraram em média 20 minutos. Os encontros proporcionaram aos educandos serem realizadores, mas ao mesmo tempo observadores do espaço e dos colegas de modo diferente.

Para a realização desta investigação escolhemos uma turma de 35 alunos, que nos momentos dos encontros foram divididos em três grupos. As durações das atividades eram em média de uma hora e meia e as intervenções ocorriam uma vez por semana. No proceder dos encontros foram sugeridos três exercícios de criação com audiovisuais, cada um abordava uma perspectiva das violências: mundo, escolares e das relações interpessoais. Cada grupo de alunos produziu três audiovisuais, um para cada uma das perspectivas (três), totalizando assim, nove. No primeiro exercício de criação, os estudantes em grupos elaboraram uma reportagem televisiva sobre os conflitos e violências que acontecem no mundo, ou seja, na sociedade. Neste aspecto, o planejado era filmar três cenas consecutivas, a primeira com um repórter âncora anunciando a reportagem, a segunda com o foco no assunto escolhido pelos componentes do grupo e, por fim, a última cena volta para o repórter âncora com um comentário sobre o ocorrido.

No próximo exercício, os estudantes receberam um inventário com imagens que retratavam diferentes tipos de violência: violência física, verbal, questões de gênero, racismo, violência psicológica, violência simbólica, preconceito religioso etc. O foco era discorrer sobre as violências escolares, criando um audiovisual que contasse histórias que os discentes presenciaram ou vivenciaram. Por fim, os alunos foram convidados a criar uma narrativa que retratasse relacionamentos humanos, fossem eles relacionamentos escolares ou não. Neste exercício, esperávamos investigar se as questões das violências emergiriam nas produções audiovisuais de maneira espontânea, ou seja, nos mostrando (ou não) que o espaço escolar, a família, as relações entre colegas, ou entre alunos e professora são relações conflituosas ou de violências.

A ação de representar, por meio de recursos audiovisuais (celulares), proporcionou aos discentes reflexões sobre; como se sente a vítima; como é vivenciar os papéis de agressor/ agredido e como são tencionados; o significado da interpretação, ou da vivência das situações de quem sofre e/ou já sofreu violências; e, como é experimentar ser excluído no ambiente escolar etc.

Violências na visão dos estudantes

Durante a criação dos exercícios os estudantes tiveram a oportunidade de conversar sobre o assunto, além de aprender a respeitar opiniões divergentes, para a produção de algo que representasse as inquietudes e reflexões sobre o tema no grupo.

Apesar de já recolhidos, os dados ainda estão sendo analisados, mesmo assim, o que se percebeu é que as concepções sobre violências dos estudantes dos Ensinos Fundamental Anos Finais – aparecem nos audiovisuais produzidos por eles. Vários assuntos emergiram, como: violências nas relações de poder com a família, entre aluno-aluno e professor-aluno. Assuntos relacionados ao preconceito racial, orientação sexual, questões de gênero etc.

Durante os exercícios e nas gravações de audiovisuais foi possível constatar as violências *na* escola (CHARLOT, 2002), ao construírem imagens com relações interpessoais entre aluno-aluno, com finalização violentas, principalmente a verbal e a física.

As violências *da* escola (CHARLOT, 2002), também foram incorporadas, tanto nas rodas de conversa, como nas produções audiovisuais. Situações de professores e estudantes foram representadas, principalmente, com violência verbal e simbólica. Além da violência simbólica, quando interpretavam os alunos que não conseguiam participar ou tomar de decisões, sentindo-se impotentes perante a comunidade escolar (gestores, docentes e funcionários). O balanço entre ações violentas (todo tipo) praticadas no ambiente escolar e a pouca movimentação de educadores em tomar atitudes para solucionar essas questões, gera nos alunos a certeza de que existem violências *da* escola, principalmente, quando os problemas que estão enfrentando com as violências, não são prioridades.

As oficinas de experimentações apresentaram grande potencial em auxiliar – na perspectiva reflexiva – assuntos transversais que devem ser pactuados na escola, como o caso da violência. Com esta aproximação, houve confiança dos alunos em relatarem as mais sutis formas de violência em seus cotidianos. Foi um canal de comunicação aberto que propiciou o diálogo de diferentes ideias de forma bastante participativa e democrática.

Algumas considerações

Pensar em violência nos remete a força, dominação, poder, imposição. Todo poder que chega a impor significações e impondo-as como legítimas, dissimula as relações de força. A violência, em suas diferentes expressões: física, psicológica, sexual, patrimonial – causa dano, sofrimento para aqueles que são atingidos por ela.

Ao refletir sobre a temática das violências com o auxílio dos recursos audiovisuais, o sujeito percebe diferentes perspectivas que estabelece sobre esse espaço e buscar ampliar suas formas de entendimento sobre elas. Isso equivale a reinventar novas possibilidades, ou buscar alternativas de ação, ou inventar outros mundos, ou forjar novas formas de agir etc. A organização das oficinas e execução dos exercícios de criação permitiu aos estudantes discutirem, se

questionarem, entrarem em contato com diferentes pontos de vista e, conhecerem diversas trajetórias escolares e de vidas.

Referências

ABRAMOVAY, M., WAISELFISZ, J. J., ANDRADE, C. C., & RUA, M. G. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2004.

ABRAMOVAY, M., RUA, M. das G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2002.

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005.

CHRISPINO, A. **Mediação de conflitos: cabe à escola tornar-se competente para promover transformações** Revista do Professor, Porto Alegre, ano 20, n. 79, p. 45-48, jul./set. 2004.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

DEBARBIEUX, E. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias** / Éric Debarbieux e Catherine Blaya. – Brasília : UNESCO, 2002.

MIGLIORIN, C.; **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

PINHEIRO, P. S., & ALMEIDA, G. A. **Violência urbana**. São Paulo, SP: Publifolha, 2003.